

Allan Kardec

Fundador do Espiritismo

Nova edição
revista, com
melhor leitura

Em português atual

O LIVRO dos ESPÍRITOS

Os Princípios da Doutrina Espírita,
segundo os ensinamentos de Espíritos superiores.
As respostas dos Espíritos às perguntas de todos os homens.

→ 10.^a EDIÇÃO ←

ÍNDICE

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita	11
Prolegómenos	47

PRIMEIRA PARTE: DAS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I: DE DEUS.	53
Deus e o infinito	53
Provas da existência de Deus	54
Atributos da Divindade	55
Panteísmo	57
CAPÍTULO II: DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO.	59
Conhecimento do princípio das coisas.	59
Espírito e matéria	60
Propriedades da matéria	62
Espaço universal	64
CAPÍTULO III: DA CRIAÇÃO.	65
Formação dos mundos.	65
Formação dos seres vivos.	66
Povoamento da Terra. Adão	68
Diversidade das raças humanas	68
Pluralidade dos mundos.	69
Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à Criação.	70

CAPÍTULO IV: DO PRINCÍPIO VITAL	74
Seres orgânicos e inorgânicos	74
A Vida e a Morte	76
Inteligência e instinto	77

SEGUNDA PARTE

DO MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I: DOS ESPÍRITOS	83
Origem e natureza dos Espíritos	83
Mundo normal primitivo	85
Forma e ubiquidade dos Espíritos	86
Perispírito	87
Diferentes ordens de Espíritos	88
Escala espírita	88
Progressão dos Espíritos	96
Anjos e demónios	99
CAPÍTULO II: DA ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS	103
Objetivo da encarnação	103
A alma	104
Materialismo	108
CAPÍTULO III: DA VOLTA DO ESPÍRITO, EXTINTA A VIDA CORPÓREA, À VIDA ESPIRITUAL	111
A alma após a morte, a sua individualidade. Vida eterna	111
Separação da alma e do corpo	113
Perturbação espírita	115
CAPÍTULO IV: DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS	118
A reencarnação	118
Justiça da reencarnação	119
Encarnação nos diferentes mundos	120
Transmigração progressiva	125
Sorte das crianças após a morte	128
Sexos nos Espíritos	129
Parentesco, filiação	130
Parecenças físicas e morais	131
Ideias inatas	134
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS	137

CAPÍTULO VI: DA VIDA ESPÍRITA.....	147
Espíritos errantes.....	147
Mundos transitórios.....	150
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos.....	151
Ensaio teórico da sensação nos Espíritos.....	156
Escolha das provas.....	161
As relações no além-túmulo.....	168
Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas..	172
Recordação da existência corpórea.....	175
Comemoração dos mortos. Funerais.....	179
CAPÍTULO VII: DA VOLTA DO ESPÍRITO À VIDA CORPORAL.....	182
Prelúdios da volta.....	182
União da alma e do corpo. Aborto.....	185
Faculdades morais e intelectuais do Homem.....	188
Influência do organismo.....	190
Idiotismo e loucura.....	192
A infância.....	195
Simpatia e antipatia terrestres.....	198
Esquecimento do passado.....	199
CAPÍTULO VIII: DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA.....	204
O sono e os sonhos.....	204
Visitas espíritas entre pessoas vivas.....	209
Transmissão oculta do pensamento.....	211
Letargia. Catalepsia. Mortes aparentes.....	212
Sonambulismo.....	213
Êxtase.....	217
Dupla vista.....	218
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista.....	220
CAPÍTULO IX: DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL.....	226
Faculdade que têm os Espíritos de penetrar nos nossos pensamentos..	226
Influência oculta dos Espíritos nos nossos pensamentos e atos.....	227
Possessos.....	230
Convulsionários.....	232
Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas.....	234
Anjos guardiães ou anjos da guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.....	235
Pressentimentos.....	245
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida.....	246

Ação dos espíritos nos fenómenos da natureza	250
Os Espíritos durante os combates	252
Pactos	254
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros	255
Bênçãos e maldições	257
 CAPÍTULO X: DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS	 258
 CAPÍTULO XI: DOS TRÊS REINOS.	 266
Os minerais e as plantas	266
Os animais e o Homem	268
Metempsicose	275

TERCEIRA PARTE
DAS LEIS MORAIS

 CAPÍTULO I: DA LEI DIVINA OU NATURAL.	 281
Caracteres da lei natural	281
Origem e conhecimento da lei natural.	282
O bem e o mal	285
Divisão da lei natural.	289
 CAPÍTULO II: DA LEI DE ADORAÇÃO	 291
Objetivo da adoração.	291
Adoração exterior	292
Vida contemplativa	293
A prece.	293
Politeísmo	296
Sacrifícios	298
 CAPÍTULO III: DA LEI DO TRABALHO	 301
Necessidade do trabalho	301
Limite do trabalho. Repouso.	303
 CAPÍTULO IV: DA LEI DE REPRODUÇÃO.	 305
População do globo.	305
Sucessão e aperfeiçoamento das raças	305
Obstáculos à reprodução.	306
Casamento e celibato.	307
Poligamia.	308

CAPÍTULO V: DA LEI DE CONSERVAÇÃO	309
Instinto de conservação	309
Meios de conservação	309
Gozo dos bens terrenos	312
Necessário e supérfluo	313
Privações voluntárias. Mortificações	314
CAPÍTULO VI: DA LEI DE DESTRUIÇÃO	317
Destruição necessária e destruição abusiva	317
Flagelos destruidores	319
Guerras	321
Assassínio	322
Crueldade	323
Duelo	324
Pena de morte	325
CAPÍTULO VII: DA LEI DE SOCIEDADE	328
Necessidade da vida social	328
Vida de isolamento. Voto de silêncio	329
Laços de família	330
CAPÍTULO VIII: DA LEI DO PROGRESSO	331
Estado de natureza	331
Marcha do progresso	332
Povos degenerados	334
Civilização	337
Progresso da legislação humana	339
Influência do Espiritismo no progresso	340
CAPÍTULO IX: DA LEI DE IGUALDADE	342
Igualdade natural	342
Desigualdade das aptidões	342
Desigualdades sociais	343
Desigualdade das riquezas	344
As provas de riqueza e de miséria	345
Igualdade dos direitos do homem e da mulher	346
Igualdade perante o túmulo	348
CAPÍTULO X: DA LEI DE LIBERDADE	349
Liberdade natural	349
Escravidão	350
Liberdade de pensar	351

Liberdade de consciência	351
Livre-arbítrio	353
Fatalidade	355
Conhecimento do futuro	360
Resumo teórico do móbil das ações do Homem	362
CAPÍTULO XI: DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE	366
Justiça e direitos naturais	366
Direito de propriedade. Roubo	368
Caridade e amor do próximo.	370
Amor materno e filial	372
CAPÍTULO XII: DA PERFEIÇÃO MORAL.	373
As virtudes e os vícios	373
Paixões	378
O egoísmo	380
Carateres do homem de bem	383
Conhecimento de si mesmo	384

QUARTA PARTE

DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

CAPÍTULO I: DAS PENAS E GOZOS TERRESTRES	389
Felicidade e infelicidade relativas.	389
Perda dos entes caros.	394
Deceções. Ingratidão. Afeições destruídas.	396
Unões antipáticas	397
Apreensão da morte.	398
Desgosto da vida. Suicídio.	399
CAPÍTULO II: DAS PENAS E GOZOS FUTUROS.	405
Nada. Vida futura	405
Intuição das penas e gozos futuros	406
Intervenção de Deus nas penas e recompensas	407
Natureza das penas e gozos futuros	408
Penas temporais.	415
Expição e arrependimento.	417
Duração das penas futuras	420
Ressurreição da carne	427
Paraíso, inferno e purgatório.	429
CONCLUSÃO	433

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para se designarem coisas novas, são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espiritual*, *espiritualista* e *espiritualismo* têm uma aceção bem definida. Dar-lhes outra, para os aplicar à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista. Não resulta daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou nas suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual* e *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que acabámos de nos referir, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão *os espíritas*, ou, se quiserem, *os espiritistas*.

Como especialidade, o *Livro dos Espíritos* contém a Doutrina Espírita; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, uma de cujas fases apresenta. Essa é a razão por que traz no cabeçalho do seu título a expressão «filosofia espiritualista».

II

Há outra palavra acerca da qual importa igualmente que todos se entendam, por constituir uma das pedras de toque de toda a doutrina moral e ser objeto de inúmeras controvérsias, na falta de uma aceção bem determinada. É a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um dá a esse termo. Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se compreenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica. Não tem existência própria e aniquila-se com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido, e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que já nenhum som emite, que não tem alma. Em conformidade com essa opinião, a alma seria efeito e não causa.

Pensam outros que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma certa porção. Segundo esses, não haveria em todo o universo senão uma só alma a distribuir centelhas pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes, voltando cada centelha, mortos os seres, à fonte comum, a confundir-se com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente, em que, nesta hipótese, não há em nós somente matéria, subsistindo alguma coisa após a morte. Mas é quase como se nada subsistisse, porquanto, destituídos de individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser, um fragmento da divindade. Simples variante do *pan-teísmo*.

Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem dúvida, a mais geral, porque, com um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito de tais opiniões, e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações do termo *alma* correspondem a três ideias distintas, que exigiriam, para serem expressas, três vocábulos diferentes. Aquela palavra tem, pois, uma tríplice

aceção, e cada um, do seu ponto de vista, pode com razão defini-la como o faz. O mal está em a língua dispor somente de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar qualquer equívoco, seria necessário restringir-se a aceção do termo *alma* a uma daquelas ideias. A escolha é indiferente; o importante é o entendimento entre todos, reduzindo-se o problema a uma simples questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-lo na sua aceção vulgar e, por isso, chamamos *alma* ao *ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse, não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para o designar.

Na ausência de um vocábulo especial para a tradução de cada uma das duas outras ideias a que corresponde a palavra *alma*, chamamos *princípio vital* ao princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte de onde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até ao Homem. Uma vez que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma ideia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o *fluido vital* que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes *fluido magnético*, *fluido nervoso*, etc.

Seja como for, há um facto que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenómeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá uma incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma aceção múltipla, o termo *alma* não exclui o materialismo ou o panteísmo. O próprio espiritualismo pode entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer.

Assim, aquela palavra não representa uma opinião: é um proteu, que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, embora usando-se o termo *alma* nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo que especificasse o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Esta teria, então, um caráter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os gases, por exemplo, que se distinguem aditando-se ao termo genérico as palavras *hidrogénio*, *oxigénio* ou *azoto*. Poder-se-ia assim dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* (indicando o princípio da vida material), a *alma intelectual* (o princípio da inteligência) e a *alma espírita* (o da nossa individualidade após a morte). Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas é uma questão muito importante quando se trata de nos fazermos compreender. Em conformidade com essa maneira de falar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita*, somente ao Homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita assenta naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. A palavra *alma*, tendo de aparecer com frequência ao longo desta obra, obrigava que fixássemos bem o sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos qualquer engano.

Passemos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

Como tudo o que constitui novidade, a Doutrina Espírita conta adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem alimentarmos, todavia, a pretensão de os convencer a todos, pois muitos há que creem ter sido a luz feita exclusivamente para eles. Dirigimo-nos aos de boa-fé, aos que não trazem ideias preconcebidas ou decididamente firmadas contra tudo e todos, aos que sinceramente desejam instruir-se, e demonstrar-lhes-emos que a maior parte das objeções opostas à doutrina promanam de uma incompleta observação dos factos e de um juízo leviano e precipitadamente formado.

Lembremos, antes de tudo, em poucas palavras, a série progressiva dos fenómenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro facto observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pela expressão *mesas falantes* ou *dança das mesas*. Este fenómeno — que parece ter sido notado primeiramente nos Estados Unidos da América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade — produziu-se rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. De seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo. A princípio, quase só encontrou incredulidade; porém, ao cabo de pouco tempo, a multiplicidade das experiências já não permitiu que lhe pusessem em dúvida a realidade.

Se tal fenómeno se tivesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a electricidade multiplica diariamente os recursos que proporciona ao Homem e parece destinada a iluminar a ciência com uma nova luz. Nada de impossível haveria, portanto, em que a electricidade modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa dos movimentos observados. O facto de que a reunião de muitas pessoas aumenta a potencialidade da ação parecia vir em apoio dessa teoria, visto poder-se considerar o conjunto dos assistentes como uma pilha múltipla, com o seu potencial na razão direta do número dos elementos.

O movimento circular nada apresentava de extraordinário: está na natureza. Todos os astros se movem em curvas elipsoides; poderíamos, pois, ter ali, em ponto menor, um reflexo do movimento geral do universo, ou melhor, uma causa, até então desconhecida, produzindo acidentalmente, com pequenos objetos em dadas condições, uma corrente análoga à que impele os mundos.

Porém, o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Ainda aqui, nada havia que não se pudesse explicar pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a electricidade deitar por terra edifícios, desarraigar árvores, atirar para longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos insólitos, as pancadas, ainda que não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa accidental, poderiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: não produz a electricidade formidáveis ruídos?

Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos factos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse âmbito de ideias, já ali havia, no entanto, matéria para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Porque assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas o facto deriva de causas que provam, entre mil outros semelhantes, a levianidade do espírito humano. A vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências não foi alheia à indiferença dos sábios. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem atenderem a que o movimento podia ser impresso a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, por ser o objeto mais cómodo e porque, à roda de uma mesa, muito mais naturalmente do que em torno de qualquer outro móvel, se sentam diversas pessoas. Ora, os homens superiores são com frequência tão pueris que não há como ter por impossível que certos espíritos de escol tenham considerado deprimente ocuparem-se com o que se convencionara chamar «dança das mesas». É mesmo provável que, se o fenómeno observado por Galvani o fosse por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado a fazer companhia à varinha divinatória. Qual, com efeito, o sábio que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*?

Alguns, entretanto, muito modestos para convirem que bem poderia dar-se não lhes ter ainda a natureza dito a última palavra, quiseram ver, para a tranquilidade das suas consciências. Mas aconteceu que o fenómeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa, e, devido ao facto de não se ter produzido constantemente à vontade deles e segundo a maneira de se comportarem na experimentação, concluíram pela negativa. Porém, apesar do que decretaram, as mesas — pois que há mesas — continuam a girar, e podemos dizer com Galileu: *Todavia, elas movem-se!* Acrescentaremos que os factos se multiplicaram de tal modo que desfrutam hoje do direito de cidade, não mais se cogitando senão de lhes achar uma explicação racional.

Contra a realidade do fenómeno, poder-se-ia induzir alguma coisa da circunstância de ele não se produzir de modo sempre idêntico, conformemente à vontade e às exigências do observador? Não estão os fenómenos

de eletricidade e de química subordinados a certas condições? Será lícito negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenómeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também se ache sujeito a determinadas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir a marcha que caprichosamente lhe imponha, ou queira sujeitá-lo às leis dos fenómenos conhecidos, sem considerar que para factos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecerem essas leis, é preciso que se estudem as circunstâncias em que os factos se produzem, e esse estudo não pode deixar de ser fruto de uma observação perseverante, atenta e às vezes muito longa.

Mas, objectam algumas pessoas, há frequentemente fraudes manifestas. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraude efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava por destro escamoteador um sábio professor de Física a fazer experiências. Admitindo-se mesmo que tal coisa tenha podido verificar-se algumas vezes, constituiria isso razão para se negar o facto? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se exornam com o título de físicos? É preciso, de resto, que se leve em conta o carácter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria tudo, então, um mero gracejo? Admite-se que uma pessoa se divirta por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente tornar-se-ia tão fastidioso para o mistificador como para o mistificado. Acresce que, numa mistificação que se propaga de um extremo a outro do mundo, e por entre as mais austeras, veneráveis e esclarecidas personalidades, há qualquer coisa com certeza tão extraordinária, pelo menos, quanto o próprio fenómeno.

IV

Se os fenómenos de que nos temos vindo a ocupar tivessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Assim, entretanto, não sucedeu: estava-lhes reservado colocar-nos na pista de factos de ordem singular. Acreditaram ter descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa

inteligente. Uma vez aberto, esse caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. De sobre muitos mistérios se erguia o véu. Haverá, com efeito, no caso, uma potência inteligente? Essa é a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Encontra-se acima da Humanidade? Eis outras questões que decorrem da anterior.

As primeiras manifestações inteligentes produziram-se por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam um certo número de pancadas, respondendo desse modo — sim ou não, conforme fora convencionalmente — a uma pergunta feita. Até aí, nada de convincente havia para os céticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *espírito* ou *génio*, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os *espíritos* como meio de explicar o fenómeno; foi o próprio fenómeno que revelou a palavra. Muitas vezes, tratando-se das ciências exatas, formulam-se hipóteses para se dar uma base ao raciocínio. Não é aqui o caso.

Esse meio de correspondência era, porém, demorado e incómodo. O Espírito (e isto constitui uma nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a um cesto ou a outro objeto. Colocado em cima de uma folha de papel, o cesto é posto em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres que formam palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se se escrevesse com a mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente nos Estados Unidos da América, em França e em diversos outros países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: «Vai buscar, no aposento ao lado, o cestinho;

amarra-lhe um lápis; coloca-o sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda.» Alguns instantes depois, o cesto começou a mover-se, e o lápis escreveu, muito legivelmente, esta frase: «Proíbo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da primeira vez que escrever, escreverei melhor.» São completamente indiferentes a natureza e a forma que tenha o objeto a que se adapta o lápis, não passando de um mero instrumento. Daí ter-se procurado dar-lhe uma disposição mais cómoda. Por isso é que muita gente se serve de uma prancheta pequena.

O cesto ou a prancheta só podem ser postos em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que conferem esse poder resultam de causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto há médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. É, todavia, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.

V

Reconheceu-se mais tarde que o cesto e a prancheta não eram realmente mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas. Hoje é esse o meio geralmente empregado e com tanto mais razão quanto o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediadora, vindo-se a saber que as comunicações podiam igualmente ser transmitidas pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium ou do lápis.

Obtido o facto, restava comprovar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que, mecânica e moralmente, pode ter nelas. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, tornam possível resolver-se a questão. A primeira consiste no modo por que o cesto se move sob a influência do médium, apenas lhe impondo este os dedos sobre as bordas. O exame do facto demonstra a

impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade torna-se patente sobretudo quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre o cesto. Seria preciso entre elas uma concordância verdadeiramente fenomenal de movimentos. Seria preciso, além disso, a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro facto, não menos singular, ainda vem aumentar a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Seria necessário, pois, que o médium se tivesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a tal ou tal Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que, na maioria das vezes, especialmente quando se ventilam questões abstratas e científicas, estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, amiúde, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como habitualmente sucede, não tem consciência do que se escreve sob a sua influência; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, acontece muito o cesto escrever espontaneamente, sem que se tenha feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer, inteiramente inesperado. Em certos casos, as respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. Outras vezes, são tão levianas, tão frívolas, tão triviais, que a razão recusa admitir que derivem da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. E essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este é o ponto a esclarecer-se e cuja explicação se encontrará completa nesta obra, como a deram os próprios Espíritos.

Eis, pois, efeitos patentes, que se produzem fora do círculo habitual das nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas, pelo contrário, à luz meridiana, que toda a gente pode ver e comprovar; que não constituem privilégio de um único indivíduo e que milhares de pessoas repetem todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa

e, a partir do momento em que denotam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram engendradas a este respeito. Examiná-las-emos dentro em pouco e veremos se são capazes de oferecer a explicação de todos os factos que se observam. Admitamos, enquanto não chegamos até lá, a existência de seres distintos dos humanos, pois que esta é a explicação ministrada pelas inteligências que se manifestam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Conforme notámos acima, os próprios seres que se comunicam designam-se a si mesmos pelo nome *espíritos* ou *gênios*, declarando, alguns pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, tal como nós constituímos durante a vida terrena o mundo corporal.

Vamos resumir, em poucas palavras, os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções.

«Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onnipotente, soberanamente justo e bom.»

«Criou o universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.»

«Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.»

«O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.»

«O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter nunca existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.»

«Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.»

«Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras.»

«A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.»

«Há no Homem três coisas: 1.^a) o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2.^a) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3.^a) o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.»

«Tem assim o Homem duas naturezas: pelo corpo, partilha a natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, partilha a natureza dos Espíritos.»

«O laço, ou *perispírito*, que prende ao corpo o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenómeno das aparições.»

«O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de se conceber pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável *pela visão, pela audição e pelo tato.*»

«Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, pelos seus conhecimentos, pela sua proximidade de Deus, pela pureza dos seus sentimentos e pelo seu amor do bem: são os anjos, ou puros Espíritos. Os das outras classes acham-se cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, mais perturbadores e enredadores do que perversos. A malícia e as inconsequências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos.»

«Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhoria efetua-se por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que tenham atingido a absoluta perfeição moral.»

«Deixando o corpo, a alma regressa ao mundo dos Espíritos, de onde saíra, para passar por uma nova existência material, após um lapso

de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante.»¹

«Tendo o Espírito de passar por muitas encarnações, resulta que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos.»

«A encarnação dos Espíritos dá-se sempre na espécie humana; seria um erro acreditar-se que a alma ou o Espírito possa encarnar no corpo de um animal.»

«As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.»

«As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, e o homem perverso, a de um Espírito impuro.»

«A alma tinha a sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se ter separado do corpo.»

«Na sua volta ao mundo dos Espíritos, ela encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.»

«O Espírito encarnado acha-se sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração da sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.»

«Os Espíritos encarnados habitam nos diferentes globos do universo.»

«Os não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda a parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos constantemente. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.»

«Os Espíritos exercem uma incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenómenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo.»

¹ Há entre esta doutrina da reencarnação e a da metempsicose, como admitem certas seitas, uma diferença característica, que é explicada no curso da presente obra.

«As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos atraem-nos para o bem, apoiam-nos nas provas da vida e ajudam-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus impelem-nos para o mal: é-lhes agradável ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.»

«As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas verificam-se pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas dão-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.»

«Os Espíritos manifestam-se espontaneamente ou mediante evocação.»

«Podem evocar-se todos os Espíritos: tanto os que animaram homens obscuros como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os dos nossos parentes, amigos ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.»

«Os Espíritos são atraídos pela razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores comprazem-se nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores, que, inversamente, encontram livre acesso e podem proceder com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem em erro.»

«Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente uma linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria transparece-lhes dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, pelo contrário, é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Fazem

pouco da credulidade dos homens e divertem-se à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla aceção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine uma íntima comunhão de pensamentos tendo em vista o bem.»

«A moral dos Espíritos superiores resume-se, como a de Cristo, nesta máxima evangélica: fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o Homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.»

«Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para o experimentar; que o forte e o poderoso devem amparo e proteção ao fraco, porquanto transgride a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas ficarão patentes; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem tivermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra.»

«Mas ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. O Homem encontra o meio de o conseguir nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.»

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe contrapõem.

VII

Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, se não uma prova, pelo menos uma forte presunção contra o que quer que seja. Não somos dos que se insurgem contra os sábios, pois não queremos dar azo a que de nós digam que escoiceamos. Temo-los, ao contrário, em grande apreço e muito honrados nos julgaríamos se fôssemos contados entre eles. As suas opiniões, porém, não podem representar, em todas as circunstâncias, uma sentença irrevogável.

Desde que a ciência sai da observação material dos factos, ao tratar-se de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas. Cada um arquiteta o seu sistemazinho, disposto a sustentá-lo com fervor, para o fazer prevalecer. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os factos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos factos, a dúvida justifica-se no homem ponderado.

Com relação às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda a razão, fidedigna, porquanto eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, essa opinião quase nunca é mais do que hipotética, por isso eles não se acham, menos do que os outros, sujeitos a preconceitos. Direi mesmo que o sábio tem mais preconceitos do que qualquer outro, porque uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista de onde mais aprofundou os seus conhecimentos: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. Aquele que se fez especialista prende todas as suas ideias à especialidade que adotou. Tirai-o daí e vê-lo-eis quase sempre a desarraoar, por querer submeter tudo ao mesmo cadinho: consequência da fraqueza humana. Assim, pois, consultarei, do melhor grado e com a maior confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz. Não de eles, porém, permitir-me, sem que isto afete a estima a que lhes dá direito o seu saber especial, que eu não tenha em melhor conta as suas opiniões negativas acerca do Espiritismo do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenómenos espíritas repousam

na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não tem de se ocupar com isso, e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios. Pretender deferir a questão à ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrónomos. Com efeito, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico imaginar-se que um homem deva ser grande psicologista, porque é eminente matemático ou notável anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra, debaixo do seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evolir-se como um gás, conclui que ela não existe, colocado num ponto de vista exclusivamente material. Resultará que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vedes, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da ciência.

Quando as crenças espíritas se tiverem vulgarizado, quando forem aceites pelas massas humanas (e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não está longe), com elas se dará o que tem acontecido a todas as ideias novas que têm encontrado oposição: os sábios render-se-ão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los dos seus trabalhos especiais, para os obrigar a ocuparem-se com um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscreve o conceito esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à Humanidade. Expõem-se a ver os seus nomes a alongar a lista dos ilustres proscritores das ideias novas e inscritos a par dos membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com retumbante gargalhada a memória de Franklin sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela que ocasionou perder a França as vantagens da iniciativa da

marinha a vapor, declarando o sistema de Fulton um sonho irrealizável. Entretanto, essas eram questões da alçada daquelas corporações. Ora, se tais assembleias, que contavam no seu seio a nata dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que elas não percebiam, ideias que, alguns anos mais tarde, revolucionaram a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão, alheia aos trabalhos que lhes são habituais, alcance hoje das suas congêneres melhor acolhimento?

Esses erros de alguns homens eminentes, se bem que deploráveis, atenta a memória deles, de nenhum modo poderiam privá-los dos títulos que a outros respeitos conquistaram à nossa estima; mas será precisa a posse de um diploma oficial para se ter bom senso? Dar-se-á que fora das cátedras acadêmicas só se encontrem tolos e imbecis? Dignem-se a lançar os olhos aos adeptos da Doutrina Espírita e digam se só com ignorantes deparam e se a imensa legião de homens de mérito que a têm abraçado autoriza que ela seja atirada ao rol das credices de simplórios. O caráter e o saber desses homens dão peso a esta proposição: pois que eles afirmam que é forçoso reconhecer que há alguma coisa.

Repetimos mais uma vez que, se os factos a que aludimos se tivessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenómeno caberia no domínio da ciência; porém, desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder explicar-se por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um facto novo, que não mantém uma relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para o estudar, tem de se abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles cujas ideias são as mais falsas se apoiam na sua própria razão, e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos endereçavam os seus apelos a esse juiz, para as repelir. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado, e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando o futuro pelo passado, não creem que o Homem tenha chegado ao apogeu, nem que a natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, como a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam *a priori*, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem aos seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. Ainda menos saberíamos dá-los a alguns que, para não perderem a reputação de homens de espírito, se afadigam por achar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções lhes dão direito à consideração de quem quer que se preze como bem-educado. Abstenham-se, portanto, os que entendem não serem dignos da sua atenção os factos. Ninguém pensa em violentar-lhes a crença; concordem, pois, em respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. Será de admirar que muitas vezes não se obtenha nenhuma resposta sensata a questões de si mesmas graves, quando propostas ao acaso e à queima-roupa, no meio de um aluvião de outras extravagantes? Além disso, sucede frequentemente que, por complexa, uma questão, para ser elucidada, exige a solução de outras preliminares ou complementares. Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem de estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Que adiantará àquele que, ao acaso, dirigir a um sábio perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignore? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? A resposta isolada que der será forçosamente incompleta e quase sempre, por isso mesmo, ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. O mesmo ocorre nas nossas relações com os Espíritos. Quem quiser com eles instruir-se tem de com eles fazer um curso; mas, exatamente como se procede entre nós, deverá escolher os seus professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores somente acorrem às sessões sérias, sobretudo àquelas em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões ociosas afastam-nos, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos,

sempre à espreita de ocasiões propícias para fazerem pouco de nós e se divertirem à nossa custa. Que se dará com uma questão grave em reuniões de tal ordem? Será respondida; mas por quem? Acontece como se a um bando de levianos, que estejam a divertir-se, propusésseis as questões «que é a alma?», «que é a morte?» e outras tão recreativas quanto estas. Se quereis respostas sisudas, haveis de vos comportar com toda a sisudez, na mais ampla aceção do termo, e de preencher todas as condições reclamadas. Só assim obtereis grandes coisas. Sede, além do mais, laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, sem o que os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com os discípulos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um facto incontestável. A questão está em saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem dessa manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem das que o médium escreve diretamente. Este género de manifestações, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não se mostra, à primeira vista, bastante independente da vontade, para firmar a convicção de um observador novato. Não trataremos, portanto, senão da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, como um cesto, uma prancheta, etc. A maneira pela qual os dedos do médium repousam sobre os objetos desafia, como atrás dissemos, a mais consumada destreza da sua parte no intervir, de qualquer modo, no traçar das letras. Mas admitamos que a alguém, dotado de maravilhosa habilidade, seja isso possível e que esse alguém consiga iludir o olhar do observador; como explicar a natureza das respostas, quando se apresentam fora do quadro das ideias e conhecimentos do médium? E note-se que não se trata de respostas monossilábicas, mas, muitas vezes, de numerosas páginas escritas com admirável rapidez, quer espontaneamente, quer sobre determinado assunto. De sob os dedos do médium menos versado em literatura, surgem de quando em quando poemas de impecável sublimidade e pureza, que os melhores poetas humanos não desdenhariam subscrever. O que ainda torna mais estranhos esses factos é que ocorrem por toda a parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. São eles reais ou não? Para esta pergunta só temos

uma resposta: vede e observai; não vos faltarão ocasiões de o fazer; mas, sobretudo, observai repetidamente, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas.

Que respondem a essa evidência os antagonistas? «Sois vítimas do charlatanismo ou joguete de uma ilusão.» Diremos, primeiramente, que a palavra *charlatanismo* não cabe onde não há proveito. Os charlatães não fazem gratuitamente o seu ofício. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas por que singular coincidência esses mistificadores se achariam acordados, de um extremo ao outro do mundo, para proceder do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e dar, sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas, respostas idênticas, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como compreender que pessoas austeras, honradas, instruídas se prestassem a tais manejos? E com que fim? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias a tais resultados? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, indispensáveis se lhes fazem habilidade e conhecimentos incompatíveis com a idade infantil e com certas posições sociais.

Dizem então que, se não há fraude, pode haver ilusão de ambos os lados. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas é de alguma importância. Ora, é aqui o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que já conta com milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se baseia são tão extraordinários que concebemos a existência da dúvida. O que, porém, não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos, a de terem o monopólio do bom senso e que, sem guardarem as conveniências e respeitarem o valor moral dos seus adversários, rotulem, com desplante, como ineptos os que lhes não seguem o parecer. Aos olhos de qualquer pessoa judiciosa, a opinião das que, esclarecidas, observaram durante muito tempo, estudaram e meditaram numa coisa, constituirá sempre, quando não uma prova, uma presunção, no mínimo, a seu favor, visto ter conseguido prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções, algumas há das mais especiosas, ao menos na aparência, porque tiradas da observação e feitas por pessoas respeitáveis.

A uma delas serve de base a linguagem de certos Espíritos, que não parece digna da elevação atribuída a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da doutrina acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam não haver entre eles igualdade de conhecimentos nem de qualidades morais, e que não se deve levar ao pé da letra tudo quanto dizem. Às pessoas sensatas incumbe separar o bom do mau. Indubitavelmente, os que desse facto deduzem que só se comunicam connosco seres malfazejos, cuja única ocupação consista em mistificar-nos, não conhecem as comunicações que se recebem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores; do contrário, assim não pensariam. É de lamentar que o acaso os tenha servido tão mal, que apenas lhes tenha mostrado o lado mau do mundo espírita, pois repugna-nos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos bons Espíritos, os maus, os mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseira. Poder-se-ia, quando muito, deduzir daí que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para as preservar do mal e que, achando um certo prazer em satisfazerem-lhes a curiosidade, os maus Espíritos disso se aproveitam para se aproximar delas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses factos seria tão pouco lógico quanto julgar o carácter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de desatinados ou de gente de má nota, com os quais não entretêm relações as pessoas circunspectas nem as sensatas. Os que assim julgam colocam-se na situação do estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais abjeto dos seus arrabaldes, julgasse todos os habitantes pelos costumes e linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se os que daquele modo se pronunciam a estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e convencer-se-ão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular.

Mas, perguntam eles, os Espíritos de escol descem até nós? Responderemos: não fiquéis no subúrbio; vede, observai e julgareis; os factos aí estão para toda a gente. A menos que lhes sejam aplicáveis estas palavras de Jesus: «Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.»

Como variante dessa opinião, temos a dos que não veem, nas comunicações espíritas e em todos os factos materiais a que elas dão lugar, mais do que a intervenção de uma potência diabólica, novo Proteu que revestiria todas as formas, para melhor nos enganar. Não a julgamos

suscetível de exame sério, por isso não nos demoramos em considerá-la. Aliás, ela está refutada pelo que acabámos de dizer. Acrescentaremos, tão-somente, que, se assim fosse, seria forçoso convir que o diabo é às vezes bastante criterioso e ponderado, sobretudo muito moral; ou então que também há bons diabos.

Efetivamente, como acreditar que Deus só ao Espírito do mal permita que se manifeste, para nos perder, sem nos dar por contrapeso os conselhos dos bons Espíritos? Se ele não o pode fazer, não é onnipotente; se pode e não o faz, desmente a sua bondade. Ambas as suposições seriam blasfemas. Note-se que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, se elas se dão, não pode deixar de ser com a permissão de Deus. Como, então, se há de acreditar, sem impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

É esquisito, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a manifestarem-se. Há também aqui um erro, oriundo, como tantos outros, de uma superficial observação. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, muito maior é, para nós, o número dos desconhecidos do que o dos ilustres, designando-se aqueles por um nome qualquer, muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto aos que se evocam, desde que não se trate de parente ou amigo, é muito natural que nos dirijamos aos que conhecemos, de preferência a chamar pelos que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres atrai mais a atenção, por isso são notadas.

Acham também singular que os Espíritos dos homens eminentes acudam familiarmente ao nosso chamado e se ocupem, às vezes, com coisas insignificantes, comparadas com as que cogitavam durante a vida. Nada há aí de surpreendente para os que sabem que a autoridade ou a consideração de que tais homens gozaram neste mundo nenhuma supremacia lhes dão no mundo espírita. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: «Os grandes serão rebaixados, e os pequenos serão elevados», devendo esta sentença entender-se com relação à categoria

em que cada um de nós se achará entre eles. É assim que aquele que foi o primeiro na Terra pode vir a ser lá um dos últimos. Aquele diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir falar-nos como o mais humilde operário, pois que deixou, com a vida terrena, toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca pode achar-se lá muito abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um facto demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes usurpam nomes conhecidos e respeitadas. Quem pode, pois, afirmar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc., tenham realmente animado essas personagens? Esta dúvida existe mesmo entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita, os quais admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas inquirem como se lhes pode comprovar a identidade. Semelhante prova é, de facto, bem difícil de se produzir. Conquanto, porém, não o possa ser de modo tão autêntico como por uma certidão de registo civil, pode-o ao menos por presunção, segundo certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, mormente se há pouco tempo que morreu, sucede geralmente que a sua linguagem se revela de perfeito acordo com o carácter que tinha aos nossos olhos, quando vivo. Já isso constitui um indício de identidade. Já não, entretanto, há lugar para dúvidas, desde que o Espírito fala de coisas particulares, lembra acontecimentos de família, sabidos unicamente do seu interlocutor. Um filho não se enganará, decerto, com a linguagem do seu pai ou da sua mãe, nem pais haverá que se equivoquem quanto à de um filho. Neste género de evocações, passam-se às vezes coisas íntimas verdadeiramente empolgantes, de natureza a convencerem o maior incrédulo. O mais obstinado cético fica, não raro, aterrado com as inesperadas revelações que lhe são feitas.

Outra circunstância muito característica acode em apoio da identidade. Dissemos que a caligrafia do médium muda, em geral, quando outro passa a ser o Espírito evocado e que a caligrafia é sempre a mesma quando o mesmo Espírito se apresenta. Tem-se verificado inúmeras vezes, sobre-

tudo se se trata de pessoas mortas recentemente, que a escrita denota uma semelhança flagrante com a dessa pessoa em vida. Assinaturas se têm obtido de exatidão perfeita. Longe estamos, todavia, de querer apontar esse facto como regra e menos ainda como regra constante. Mencionamo-lo apenas como digno de nota.

Só os Espíritos que atingiram um certo grau de purificação se acham libertos de qualquer influência corporal. Quando ainda não estão completamente desmaterializados (é a expressão que usam), conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até das manias que tinham na Terra, o que também constitui um meio de reconhecimento, ao qual igualmente se chega por uma imensidão de factos minuciosos, que só uma observação apurada e detida pode revelar. Veem-se escritores a discutir as suas próprias obras ou doutrinas, a aprovar ou condenar certas partes delas; outros a lembrar circunstâncias ignoradas ou quase desconhecidas das suas vidas ou das suas mortes, toda a sorte de particularidades, enfim, que são, quando nada, provas morais de identidade, únicas invocáveis, tratando-se de coisas abstratas.

Ora, se a identidade de um Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros; e se, com relação a pessoas cuja morte data de há muito tempo, não se têm os mesmos meios de verificação, resta sempre o da linguagem e do carácter, porquanto, inquestionavelmente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um devasso. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, esses traem-se logo pela linguagem que empregam e pelas máximas que formulam. Um que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que, ainda quando apenas acidentalmente ofendesse o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples facto, o embuste. Se, pelo contrário, forem sempre puros os pensamentos que exprima, sem contradições e constantemente à altura do carácter de Fénelon, não há motivo para que se duvide da sua identidade. De outra forma, havíamos de supor que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente e, ainda mais, sem utilidade alguma.

A experiência ensina-nos que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo carácter e possuídos dos mesmos sentimentos formam grupos e famílias. Ora, é incalculável o número dos Espíritos, e estamos longe de os conhecer a todos; a maioria deles não tem mesmo nomes para nós. Nada, pois, impede que um Espírito da categoria de Fénelon venha em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com

o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e ainda porque precisamos de um nome para fixar as nossas ideias. Mas que importa, afinal, que seja um Espírito, realmente ou não, o de Fénelon? Desde que tudo o que ele diz é bom e fala como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. É indiferente o nome pelo qual se dá a conhecer, não passando muitas vezes de um meio de que lança mão para nos fixar as ideias. O mesmo, entretanto, não é admissível nas evocações íntimas; mas, aí, como dissemos há pouco, consegue-se estabelecer a identidade por provas de certo modo patentes.

Inegavelmente, a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma imensidão de equívocos, ocasionar erros e, amiúde, mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Nunca, porém, dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pudesse aprendê-la a brincar, o que, aliás, não é possível, qualquer que seja a ciência. Nunca teremos repetido bastante que ela exige estudo assíduo e por vezes muito prolongado. Não sendo lícito provocarem-se os factos, tem-se de esperar que eles se apresentem por si mesmos. Frequentemente ocorrem por efeito de circunstâncias em que se não pensa. Para o observador atento e paciente, os factos abundam, por isso ele descobre milhares de matizes caraterísticos, que são verdadeiros raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns. Ao passo que o homem superficial não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

As observações que aqui ficam levam-nos a dizer alguma coisa acerca de outra dificuldade, a da divergência que se nota na linguagem dos Espíritos.

Diferindo estes muito uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que uma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam, exactamente como sucederia, entre os homens, se a propusessem ora a um sábio, ora a um ignorante, ora a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, temo-lo dito, é sabermos a quem nos dirigimos.

Mas, ponderam, como se explica que os tidos por Espíritos de ordem superior nem sempre estejam de acordo? Diremos, em primeiro lugar, que, independentemente da causa que acabámos de assinalar, há outras

de molde a exercerem uma certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita da probidade dos Espíritos. Este é um ponto capital, cuja explicação alcançaremos pelo estudo. É por isso que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo — como, aliás, exigem todas as ciências humanas —, continuidade e perseverança. São precisos anos para se formar um médico medíocre e três quartas partes da vida para se chegar a ser um sábio. Como pretender em algumas horas adquirir a ciência do infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que o efetuar exija tempo, muito tempo mesmo?

A contradição, além disso, nem sempre é tão real quanto possa parecer. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na definição que dão de uma coisa, quer empreguem termos diferentes, quer a encarem de pontos de vista diversos, embora seja sempre a mesma a ideia fundamental? Conte quem puder as definições que se têm dado de gramática! Acrescentaremos que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão. Pueril, portanto, seria apontar contradição onde frequentemente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma. Para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos, por exemplo, a definição de *alma*. Carecendo este termo de uma aceção invariável, compreende-se que os Espíritos, como nós, divirjam na definição que dela deem: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamar-lhe centelha anímica, um terceiro afirmar que ela é interna, que é externa, etc., tendo todos razão, cada um do seu ponto de vista. Poder-se-á mesmo crer que alguns deles professem doutrinas materialistas e, todavia, não ser assim. Outro tanto acontece relativamente a Deus. Será o princípio de todas as coisas, o criador do universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito, etc., etc. Em definitivo, será sempre Deus. Citemos, finalmente, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma série ininterrupta, desde o mais ínfimo grau até ao grau superior. A classificação é, pois, arbitrária. Um agrupá-los-á em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem idênticos exemplos. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, a ciência, porém, não muda. Aprenda-se a botânica pelo sistema de Lineu, ou pelo de Jussieu, ou pelo de Tournefort, e nem por isso se saberá menos

botânica. Deixemos, por conseguinte, de emprestar a coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para só nos atermos ao que é verdadeiramente importante, e, não raro, a reflexão fará que se descubra, no que pareça disparate, uma similitude que escapara a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos de leve pela objeção que fazem alguns céticos a propósito das faltas ortográficas que certos Espíritos cometem, se ela não oferecesse margem a uma observação essencial. A ortografia deles, cumpre dizê-lo, nem sempre é irrepreensível; mas seria preciso uma grande escassez de razões para se fazer disso objeto de crítica séria, dizendo que, visto saberem tudo, os Espíritos devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes os múltiplos pecados desse género cometidos por mais de um sábio da Terra, o que, entretanto, em nada lhes diminui o mérito. Há, porém, no facto uma questão mais grave. Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, a linguagem que usam entre si é rápida como o pensamento, porquanto são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Muito pouco à vontade hão de eles se sentir, quando obrigados, para se comunicarem connosco, a utilizarem as formas longas e embaraçosas da linguagem humana e a lutarem com a insuficiência e a imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias. É o que eles próprios declaram. Por isso mesmo, bastante curiosos são os meios de que se servem com frequência para obviarem a esse inconveniente. O mesmo se daria connosco, se tivéssemos de nos exprimir num idioma de vocábulos e fraseados mais longos e de maior pobreza de expressões do que o que usamos. É o embaraço que experimenta o homem de génio, para quem constitui motivo de impaciência a lentidão da sua pena sempre muito atrasada ao acompanhar-lhe o pensamento. Compreende-se, diante disto, que os Espíritos deem pouca importância à puerilidade da ortografia, mormente quando se trata de ensino profundo e grave. Já não é maravilhoso que se exprimam indiferentemente em todas as línguas e que as entendam todas? Não se conclua daí, todavia, que desconheçam a correção convencional da linguagem. Observam-na, quando necessário. Tanto assim é, por exemplo, que a poesia por

eles ditada desafiaria quase sempre a crítica do mais meticoloso purista, *não obstante a ignorância do médium.*

XV

Há também pessoas que veem perigo por toda a parte e em tudo o que não conhecem. Daí a pressa com que, do facto de terem perdido a razão alguns dos que se entregaram a estes estudos, tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo. Como é que homens sensatos veem nisto uma objeção valiosa? Não se dá o mesmo com todas as preocupações de ordem intelectual que empolguem um cérebro fraco? Quem será capaz de precisar quantos loucos e maníacos os estudos da matemática, da medicina, da música, da filosofia e outros têm produzido? Dever-se-ia, em consequência, banir esses estudos? Que prova isso? Nos trabalhos corporais, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, estropia-se o cérebro, que é o do pensamento. Mas, por se ter quebrado o instrumento, não resulta que o mesmo tenha acontecido ao Espírito. Este permanece intacto e, desde que se liberte da matéria, gozará, tanto quanto qualquer outro, da plenitude das suas faculdades. No seu género, ele é, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o carácter de preocupação principal, que então se transforma em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso poderia tornar-se um louco espírita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o seria sob outra forma, de acordo com as circunstâncias.

Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. Vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é uma segurança contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de sobre-excitação cerebral, devem contar-se as deceções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que, ao mesmo tempo, são as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírito vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas parecem-lhe tão pequenas, tão mesquinhas, a par do futuro que o aguarda; a vida mostra-se-lhe tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as atribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que, em outro, produziria uma violenta emoção medianamente o afeta. De resto, ele sabe que as amarguras da vida são provas úteis ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado na medida da coragem com que as tiver suportado. As suas convicções dão-lhe, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. Conhece também, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam os seus dias, e esse quadro é bem de molde a fazê-lo refletir, tão considerável é já o número dos que foram detidos a meio desse declive funesto. Este é um dos resultados do Espiritismo. Riam-se quanto queiram os incrédulos. Desejo-lhes as consolações que ele prodigaliza a todos os que se tenham dado ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas.

Cumpra também colocar entre as causas da loucura o pavor, sendo que o do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Quantas vítimas não têm feito os que abalam imaginações fracas com esse quadro, que cada vez mais pavoroso se esforçam por tornar, mediante horríveis pormenores? O diabo, dizem, só mete medo a crianças, é um freio para as tornar ajuizadas. Sim, é, do mesmo modo que o papão e o lobisomem. Quando, porém, elas deixam de ter medo, estão piores do que dantes. E, para se alcançar tão belo resultado, não se levam em conta as inúmeras epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por não infundir terror, a sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente, assim não é. De outros meios dispõe ela para atuar sobre as almas. Mais eficazes e mais sérios são os que o Espiritismo lhe faculta, desde que ela os saiba utilizar. Ele mostra a realidade das coisas e só com isso neutraliza os funestos efeitos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos ainda examinar duas objeções, únicas que realmente merecem este nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenómenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam mais do que efeitos magnéticos. Os médiuns achar-se-iam num estado a que se poderia chamar sonambulismo desperto, fenómeno de que podem dar testemunho todos os que têm estudado o magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das operações intuitivas amplia-se além das raias da nossa concepção ordinária. Assim sendo, o médium tiraria de si mesmo, e por efeito da sua lucidez, tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre os assuntos que mais estranhos lhe sejam, quando no estado habitual.

Não seremos nós a contestar o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos, estudando-lhe todas as fases durante mais de 35 anos. Concordamos que, efetivamente, muitas manifestações espíritas são explicáveis por esse meio. Contudo, uma observação cuidadosa e prolongada mostra uma abundância de factos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, como aos outros, diremos: «Vede e observaí, porque certamente ainda não vistes tudo.» Opor-lhes-emos, de seguida, duas considerações tiradas da própria doutrina deles. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os factos? De modo algum. Quem então a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exaltais. Ora, se essa lucidez é tal como a supondes, porque teriam eles atribuído aos Espíritos o que em si mesmos hauriam? Como teriam dado, sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas, as informações precisas, lógicas e tão sublimes que conhecemos? Uma de duas: ou eles são lúcidos, ou não o são. Se o são e se se pode confiar na sua veracidade, não haveria meio de se admitir, sem contradição, que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenómenos promanassem do médium, seriam sempre idênticos num determinado indivíduo; nunca se veria a mesma pessoa usar uma linguagem disparatada, nem exprimir alternativamente as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas

pelo mesmo médium prova a diversidade das fontes. Ora, desde que não as podemos encontrar todas nele, é forçoso que as procuremos fora dele.

Segundo outra opinião, o médium é a única fonte produtora de todas as manifestações; mas, em vez de as extrair de si mesmo, como pretendem os partidários da teoria sonambúlica, ele toma-as ao meio ambiente. O médium será então uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos, de algumas destas. Não é lícito negar-se, e isso constitui mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações. Esta influência, no entanto, difere muito da que supõem existir, e vai uma grande distância dela à que faria do médium um eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam, porquanto milhares de factos demonstram o contrário. Há, pois, nessa maneira de pensar um grave erro, que uma vez mais prova o perigo das conclusões prematuras. Sendo-lhes impossível negar a realidade de um fenómeno que a ciência vulgar não pode explicar, e não querendo admitir a presença dos Espíritos, os que assim opinam explicam-no a seu modo. Seria especiosa a teoria que sustentam, se pudesse abranger todos os factos. Tal coisa, entretanto, não se dá. Quando se lhes demonstra, até à evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às próprias opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, ah!, eles não se embaraçam com tão pouca coisa. Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se as inspirações não lhe vêm dos que se acham ao seu lado, ele vai bebê-las fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas.

Não me parece que em semelhante teoria se encontre explicação mais simples e mais provável do que a do Espiritismo, visto que ela se baseia numa causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contacto connosco, nos comunicam os seus pensamentos nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vindo, de todos os pontos do universo, concentrar-se no cérebro de um indivíduo.

Mais uma vez, e este é o ponto capital sobre que nunca insistiremos bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar refletiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas

para explicar um facto, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de conceção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém isso cogitava, quando até a opinião geral a repelia. Ora, perguntamos, aonde foram os médiuns beber uma doutrina que não passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos ainda mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo terrestre, e que nunca se viram, concordaram com dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu em França sofreu a influência de opiniões já aceites nos Estados Unidos da América, por que singularidade foi ele buscá-las a 2 mil léguas além-mar e no seio de um povo tão diferente pelos costumes e pela linguagem, em vez de as tomar ao seu redor?

Mas ainda há outra circunstância em que não se tem atentado muito. As primeiras manifestações, tanto em França como nos Estados Unidos da América, não se verificaram por meio da escrita nem da palavra, e sim por pancadas concordantes com as letras do alfabeto e formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências, autoras das manifestações, se declararam Espíritos. Ora, dado que se pudesse supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, outro tanto não seria lícito fazer-se com relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida de antemão.

Poderíamos citar inúmeros factos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Recomendamos, portanto, aos dissidentes uma observação mais cuidadosa e, se quiserem estudar bem, sem prevenções, e não formular conclusões antes de terem visto tudo, reconhecerão a impotência da sua teoria para tudo explicar. Limitar-nos-emos a propor as questões seguintes: porque é que a inteligência que se manifesta, qualquer que ela seja, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, o que pensa fazer no dia seguinte, etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

A esse argumento retrucam os adversários perguntando, por seu turno, por que motivo os Espíritos, que devem saber tudo, não podem dizer coisa tão simples, de acordo com o axioma «quem pode o mais pode o menos», e daí concluem que não são os Espíritos os que respondem. Se um ignorante ou um zombador, apresentando-se a uma doura

assembleia, perguntasse, por exemplo, porque é dia às 12 horas, acreditará alguém que ela se daria ao incômodo de responder seriamente, e seria lógico que, do seu silêncio ou das zombarias com que pagasse ao interrogante, se concluísse serem tolos os seus membros? Ora, exatamente porque os Espíritos são superiores é que não respondem a questões ociosas ou ridículas e não consentem em ir para a berlinda; é por isso que se calam ou declaram que só se ocupam com coisas sérias.

Perguntaremos, finalmente, porque é que os Espíritos vêm e vão, muitas vezes, em dado momento e, passado este, não há pedidos nem súplicas que os façam voltar? Se o médium se movesse unicamente por impulsão mental dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas haveria de lhe estimular a clarividência. Desde, portanto, que não cede ao desejo da assembleia, corroborado pela própria vontade dele, é que o médium obedece a uma influência que lhe é estranha e aos que o cercam, influência que, por esse simples facto, atesta a sua independência e a sua individualidade.

XVII

O ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática por interesse, origina-se quase sempre a partir do conhecimento incompleto dos factos, o que não obsta a que alguns cortem a questão como se a conhecessem a fundo. Pode-se ter muito atilamento, muita instrução mesmo, e carecer-se de bom senso. Ora, o primeiro indício da falta de bom senso está em alguém crer ser infalível o seu juízo. Também há muita gente para quem as manifestações espíritas nada mais são do que objeto de curiosidade. Confiamos em que, lendo este livro, encontrarão nestes extraordinários fenómenos alguma coisa mais do que um simples passatempo.

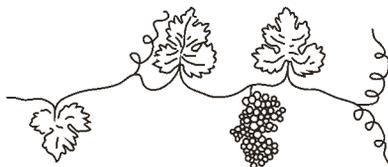
A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas tenha observado a primeira acha-se na posição de quem não conhecesse a física senão por experiências recreativas, sem ter penetrado no âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no

silêncio e no recolhimento. Porque só dentro desta condição se pode observar um número infinito de factos e particularidades que passam despercebidos ao observador superficial e firmar opinião. Não produzisse este livro outro resultado além do de mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos neste sentido e rejubilaríamos por termos sido eleitos para executar uma obra em que, aliás, nenhum mérito pessoal pretendemos ter, pois que os princípios nela exarados não são de criação nossa. O mérito que apresenta cabe todo aos Espíritos que a ditaram. Esperamos que dê outro resultado, o de guiar os homens que desejem esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho que conduz a esse fim.

Concluamos fazendo uma última consideração. Alguns astrónomos, ao sondar o espaço, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por globos que lhes tinham escapado à observação. Por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram: «Deve haver ali um mundo, porquanto esta lacuna não pode existir, e estes efeitos hão de ter uma causa.» Julgando então a causa pelo efeito, conseguiram calcular-lhe os elementos, e mais tarde os factos vieram-lhes confirmar as previsões. Apliquemos este raciocínio a outra ordem de ideias. Se se observa a série dos seres, descobre-se que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até ao homem mais inteligente. Porém, entre o Homem e Deus, alfa e ómega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar-se que no Homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão diz-nos que entre o Homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrónomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna? O Espiritismo mostra-no-la preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível, e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até ao ómega.

Vós que negais a existência dos Espíritos preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós que vos rides deles ousai rir-vos das obras de Deus e da sua onnipotência!

PROLEGÓMENOS



Fenómenos alheios às leis da ciência humana dão-se por toda a parte, revelando na causa que os produz a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente, e os factos têm provado que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada acerca da sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do Homem. Assim foi revelada a Doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem um facto sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje generalizaram-se e tornaram-se patentes a todos.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes da Sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Este livro é o repositório dos seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação, constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar.

No número dos Espíritos que concorreram para a execução desta obra, muitos se contam que viveram, em épocas diversas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhuma personagem cuja lembrança a História guarde, mas a sua elevação é atestada pela pureza dos seus ensinamentos e pela união em que se acham com os que usam nomes venerados.

Eis em que termos nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro:

«Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos, a fim de lhe verificarmos todas as minúcias.

Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudarmos nos teus trabalhos, porquanto esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já um de nós te revelou.

Entre os ensinamentos que te são dados, há alguns que deves guardar para ti somente, até nova ordem. Quando chegar o momento de os publicares, nós dir-to-emos. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares pronto quando te dissermos.

Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhámos², porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho, e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos.

Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, é por isso que os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram frequentemente semear a dúvida por malícia ou ignorância. Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança: aqui estaremos para te amparar, e está próximo o tempo em que a Verdade brilhará de todos os lados.

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num

² A cepa que se vê na página 47 é o fac-símile de uma que os Espíritos desenharam.

só sentimento, o do amor do bem, e unir-se-ão por um laço fraterno, que abraçará o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos dos teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina propagar-se e bem compreendida, será uma recompensa, cujo valor integral conhecerás talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado.

Lembra-te de que os Bons Espíritos só dispensam assistência aos que servem Deus com humildade e desinteresse e que repudiam todos aqueles que buscam na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o Homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para tornar perceptível a luz.»

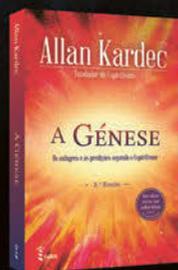
SÃO JOÃO EVANGELISTA, SANTO AGOSTINHO, SÃO VICENTE DE PAULO,
SÃO LUÍS, O ESPÍRITO DE VERDADE, SÓCRATES, PLATÃO, FÉNELON,
FRANKLIN, SWEDENBORG, ETC., ETC.

Os Princípios da Doutrina Espírita

<Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós, que vos rides deles, ousai rir-vos das obras de Deus e da Sua omnipotência.>

O *Livro dos Espíritos*, publicado pela primeira vez em 1857, é o marco fundador do Espiritismo. Com perguntas feitas pelo autor e respostas dadas pelos Espíritos, este livro junta as vozes da Terra e do Céu, sendo o Guia Fundamental desta doutrina.

Também disponíveis:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789895833948



9 789895 833948 >